

Lucília Maria Abrahão e Sousa

luciliamasousa@gmail.com

**P**ossui graduação em Letras (1988) pelo Centro Universitário Barão de Mauá de Ribeirão Preto e doutorado direto em Psicologia (2002) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). É livre-docente em Ciência da Informação e Documentação pela mesma instituição (2010), onde atua como docente em regime de dedicação exclusiva na graduação e pós-graduação.

## Resumo

O presente artigo objetiva analisar, sob o ponto de vista da teoria discursiva proposta por Pêcheux, a exposição “Agustina Bessa-Luís – vida e obra”, promovida pelo Museu da Língua Portuguesa em parceria com o Instituto Camões e com o apoio do Consulado Geral de Portugal em São Paulo, no primeiro semestre de 2015. Mobilizando as noções de arquivo e discurso, observamos como o nome próprio inscreve um modo de funcionamento sobre a autora, produzindo efeitos de uma biografia construída por textos e fotografias.

**Palavras-chave:** Discurso; Museu da Língua Portuguesa; Arquivo, Agustina Bessa-Luís.

## Agustina, que dizer dela aparece no museu?

*Agustina, which of her discourses appears in the museum?*

## Abstract

This article aims to analyze, from the point of view of discursive theory proposed by Pêcheux, the exhibition “Agustina Bessa-Luís - life and work”, promoted by the Portuguese Language Museum in partnership with the Camões Institute and with the support of the Consulate General of Portugal in Sao Paulo in the first half of 2015. Mobilizing the notions file and speech, noted as the name inscribed itself an operating mode of the author and shall apply from a biography constructed by texts and photographs.

**Keywords:** Discourse; Portuguese Language Museum; Archive; Agustina Bessa-Luís.

# I n t r o d u ç ã o

## Do museu, que dizer?

*“As palavras são objetos magros incapazes de conter o mundo. Usamo-las por pura ilusão. Deixámo-nos iludir assim para não perecermos de imediato conscientes da impossibilidade de comunicar e, por isso, a impossibilidade da beleza. Todas as lagoas do mundo dependem de sermos ao menos dois. Para que um veja e o outro ouça. Sem um diálogo não há beleza e não há lagoa”.*

Valter Hugo Mãe

O Museu da Língua Portuguesa foi inaugurado em março de 2006, na Estação da Luz, centro histórico e comercial de São Paulo, capital do estado mais rico do Brasil, uma inauguração em vários sentidos: um museu inédito na cidade e um museu com um acervo dado por arquivos literários dispostos em exposições, tendo como ponto de sustentação a língua considerada patrimônio imaterial pela Unesco. Um museu nomeado como primeiro, inédito, nunca visto: como transformar a espessura da língua portuguesa em uma superfície institucionalizada? Em que lugar imaginário é feita a urdidura disso que escorrega na boca do falante, que (se)

move ao sabor da subjetividade com significações sempre inesperadas, que tem regras subvertidas a cada movimento de inventar dos poetas, que não tem “governo nem nunca terá”? Que língua está museificada e se mantém como tal ao falar de uma autora portuguesa? Tais questões são farol para os desdobramentos que proponho aqui.

Em primeiro lugar cabe interpretar em que região da cidade o MLP é instalado. Traços de contrastes sociais duros e gritantes, constantes em todo o país, ali tem seu rosto mais marcado. De um lado, o comércio intenso que atrai tantos lojistas de todo o estado, as esculturas de artistas consagrados

dispostas no Parque da Luz, a Pinacoteca do Estado com o seu acervo notório e a sua política de exposições temporárias, a malha densa do transporte metro-ferroviário público municipal e o Museu. Esse complexo recebe diariamente visitantes de várias regiões do país e do exterior, pode ser considerado corredor de escoamento dos cidadãos, posta-se como inscrição simbólica do poder público, é lubrificado por cifras muito expressivas tendo em vista a economia que coloca em movimento. Do ponto de vista estratégico, é o centro antigo da cidade sendo “revitalizado”, o que pode ser lido a partir de uma política de entrada mais efetiva do Estado em uma região dominada pelo tráfico e prostituição, contando com o aparato repressor que isso encerra, sobretudo porque, para além do complexo arquitetônico, o em torno guarda uma gama bastante larga de exclusão. Vejamos.

Nas calçadas das ruas, nas marquises do prédio da estação, nos terrenos com construções abandonadas perambulam, dormem e vivem moradores de rua e sem-teto que fazem a língua museificada ser revestida por outros efeitos, seres que montam sua morada no espaço público rasgando a portentosi-

dade dos prédios oficiais e apontando um furo na trama social, furo que traz a margem para o centro. Há trabalhadores informais – muitos migrantes de regiões mais pobres ou imigrantes latinos de países em situação mais precária que a nossa – que andarilham sem a oficialidade dos registros, produzindo sentidos de língua e de vida imprevisíveis, falando outras línguas em curso, vendendo muitas vezes o seu único bem sobrevivente, o próprio corpo.

Há certa força na forma despedaçada como eles desfilam sua privacidade em público, abrindo a ferida de um Estado que não alcança todos, tampouco assiste igualmente a todos. [...] E esse espaço abre, no centro denominado “antigo” ou “deteriorado” da cidade, um lugar para monumentalizar a língua portuguesa, não todos os modos de inscrevê-la, mas um deles. Lugar esse tão propalado, referenciado mesmo, apontando, com novas políticas de patrimonialização, o que pela língua nos leva à criação do Museu da Língua Portuguesa (MLP), um lugar de todos e de ninguém pela língua que nos une e nos afasta. (ROMÃO & SCHERER, 2013, p. 340-341).

Também ali se aglutinam os viciados em crack e os vendedores de pedra, deliram a céu aberto, falam uma lín-

gua de alucinações e de enredos fragmentados diante de policiais que não apenas vigiam e guardam o patrimônio, mas também expulsam esses exilados para outro canto, mais para lá, mais para longe, tentando varrer as margens que insistem em denunciar sua presença ali (BALDINI, 2013, p. 190). Mas para onde

exatamente eles deverão se endereçar? Em que língua é (ex)posta a exclusão dos que não entram no Museu, na Pinacoteca, nas escolas e no mercado formal de trabalho? Em que vagão embarcam diariamente estes que têm sua vida privada esgarçada no espaço público sem a promessa de uma estação de luz? Como fazer dialogar o que se apresenta na ordem da rua com o que está posto na dos livros?

A língua portuguesa posta em museu faz falar a inscrição “do que deve ser lembrado na relação com a língua do Estado brasileiro” (SILVA SOBRINHO, 2011, p. 90), ou seja, legitima-se a língua que nos garante imaginariamente uma unidade capaz de arre-matar todas as



O museu institucionaliza a língua portuguesa como aquela que costura os dois mundos – tão díspares – que se postam dentro e fora do prédio da estação férrea, a língua do gabinete e a das ruas, a língua de dentro das casas de memória e a língua afora...



desigualdades constantes no cenário descrito anteriormente; a língua que borda uma representação identitária capaz de apaziguar a diversidade e a diferença, de normatizar uma narrativa histórica fechada para o estudo do português, de domesticar os sentidos tão escorregadios na inscrição subjetiva de

cada um ao se deparar com o próprio da fala. Tais contradições colocam o MLP como um lugar de tensão permanente, cujos desdobramentos se colocam vivos a cada novo evento literário ou exposição.

Nesses termos, o museu institucionaliza a língua portuguesa como aquela que costura os dois mundos – tão díspares – que se postam dentro e fora do prédio da estação férrea, a língua do gabinete e a das ruas, a língua de dentro das casas de memória e a língua afora... Se de um lado o Museu instrumentaliza a língua como una e politicamente de todos, domesticando os efeitos dela em totens, painéis, jogos e projeções etc.; de outro, ele também promove exposições literá-

rias constantes, nas quais é possível observar as movências e os deslizamentos da língua na trama poética e nos modos de fazer falar a subjetividade do escritor, lugar privilegiado do imponderável.

Tais exposições temporárias re-costuram, de forma sempre diversa, campos de documentos estabilizados em outro lugar, produzindo efeitos de arranjo, bricolagem e ruptura a partir de uma memória discursiva sobre o nome de um autor (SOUSA ROMÃO, 2014). Ao prestarem homenagem a escritores da literatura de língua portuguesa – brasileiros ou não – renegociam outros espaços de dizer a respeito de uma data comemorativa tais como ano de morte ou nascimento de um movimento literário ou de um autor, publicação de obra etc. Articula-se, a partir da voz de uma curadoria selecionada pelo MLP e composta por intelectuais e artistas, um protocolo de empréstimo de documentos advindos de órgãos oficiais ou de acervos privados. Alguns já conhecidos do público roçam outros tantos, que estavam guardados e fora de circulação, produzindo um dizer fora do script convencional. Os da casa – a maioria dos temas de exposições foi de autores brasileiros – se misturam com os de fora, em geral portugueses como

é o caso que iremos interpretar. Esses pontos sinalizam que o modo de produção, constituição e circulação do discurso (ORLANDI, 2001) das exposições literárias é bastante singular e atribui um valor de prestígio à voz curadora.

A contribuição da teoria discursiva aqui (PÊCHEUX, 1993) é interpretar, no espaço discursivo das exposições, como se estrutura certa instância heterogênea do arquivo, como roçam as fronteiras contraditórias dessa montagem derivada da combinação de documentos, que foram disponibilizados a partir da posição de autoridade do MLP e da divisão social do trabalho de leitura de documentos feita pela voz curadora em relação a um nome da literatura e sobre língua. Temos aqui outra esfera do dentro e fora na trama de dizer das exposições – diferente daquela já anotada em relação ao espaço e os cidadãos –, o que nos permite situar tal justaposição nos seguintes termos, o de-dentro administrativo do MLP em colagem com o de-fora da voz curadora, na maior parte das vezes alheia à própria gestão do museu visto que do campo da ciência, da comunicação e da arte. No caso em análise a seguir, duas instituições compõem imbricadas, marcando outro modo de dizer dessa condição de-dentro e de-fora, enfim o estrangeiro e/ou o familiar.

## De Agustina, que dizeres entram em discurso?

Até o momento, trabalhei na direção de situar o MLP a partir do jogo basculante de contradições – o local e o entorno, a voz gestora do museu e a da curadoria das exposições literárias. Meu trajeto aqui será analisar como tal movimento de diferença, tensão e confronto toma corpo na exposição de “Agustina Bessa-Luís – vida e obra”, promovida pelo MLP em parceria com o Instituto Camões e com o apoio do Consulado Geral de Portugal em SP, no primeiro semestre de 2015. Com concepção de Inês Pedrosa e João Botelho – dois grandes nomes do cenário literário e artístico português –, a exposição veio pronta de Portugal e consta de 20 painéis, dos

quais apresento tão somente cinco fotografias cedidas pelo MLP. Indago: o que acontece quando duas instituições oficiais de língua se entrecruzam tendo como mote o nome de uma autora ainda viva? Que teia de sentidos se produz aí considerando que o Instituto lusitano compôs um enredo a ser tomado ao pé da letra pelo Museu? Dois pontos merecem atenção: primeiro, as duas instituições juntas produzem um discurso tido como legitimado sobre a autora e ideologicamente posto como evidente para dizer sobre ela, um dizer bastante conservador e tradicional, diga-se de passagem. O segundo ponto diz respeito à impossibilidade de acesso ao material da exposição, tendo em vista o fato de que não foi possível fotografar nem reproduzir outras imagens que não aquelas disponibilizadas pelo MLP (na sequên-



**Imagem 1** – Exposição “Agustina Bessa-Luís, vida e obra”, no Museu da Língua Portuguesa.

**Fonte:** MUSEU, 2015.

cia). Para reprodução dos outros painéis expostos, era preciso ter autorização do Instituto estrangeiro para o qual escrevi três vezes sem resposta. Não interessa aqui investigar o quanto tal silenciamento produz efeitos e como ele não se dá sem o traço autoritário e centralizador que marca a constituição dos arquivos oficiais, quero apenas apontar como o efeito de controle dá-se a desdobrar no enovelamento dessas duas instituições.

É com esse enquadramento de longe (e buscando estar perto da autora) – disposto na Imagem 1 – que vou acompanhar a fotografia dos painéis dispostos de modo suspenso e elaborados por um misto de fotografias e dados biográficos a respeito da portuguesa, que estudou no Porto e em Coimbra e tem uma produção bastante representativa em prosa e poesia. Assim a define o site do MLP:

Maria Agustina Ferreira Teixeira Bessa nasceu no dia 15 de outubro de 1922 em Vila Meã (Amarante – Portugal) e se tornou uma escritora mundialmente conhecida sob o pseudônimo literário de Agustina Bessa-Luís. Autora de várias dezenas de obras, entre romances, contos, peças teatrais, livros infantis e crônicas, a escritora ainda dedicou seu tempo a outras

atividades sendo que entre 1990 e 1993 foi diretora do renomado Teatro Nacional de Maria II em Lisboa. Para o Museu da Língua Portuguesa esta é uma bela oportunidade de aproximar os brasileiros das obras desta importante autora de nosso idioma, mas que ainda não é muito conhecida e lida no Brasil. Com a realização desta mostra, o Museu segue cumprindo seu papel de valorização da língua portuguesa e da nossa melhor expressão literária (MUSEU, 2015).

Aqui os efeitos do biográfico marcam o modo como ela será discursivizada pela exposição, melhor dizendo, a partir de fotografias com passagens da vida pessoal, cenas imensas da mocidade enoveladas com outras da maturidade, imagens das capas dos livros



**Imagem 2** – Registro da exposição “Agustina Bessa-Luís, vida e obra” (MLP).

**Fonte:** MUSEU, 2015.

publicados pela autora e datas importantes nessa trajetória. É interessante reconhecer, nesse modo de dizer sobre um autor, o funcionamento do imaginário biografista e individual de uma dada produção. Não se relacionam fotos de época, tampouco de cenários sociais, inscrevendo o efeito de certa personalidade centrada no mérito particular e na produção solitária, apagada a relação da literatura com suas condições de produção.

Diferente da maioria das exposições literárias promovidas pelo MLP, não há uma montagem cenográfica capaz de atualizar os efeitos das obras literárias de Agustina Bessa, tampouco instalações para que o leitor-visitante adentre suas estruturas, interagindo com o que elas apresentam ou inspiram, interferindo no modo de dizer do/sobre o outro. O que se mostra aqui, na Imagem 2, é uma ordem de uma ilustração explicativa sobre a autora, em que pesem poucos momentos de aparição da voz dela com o recurso da fotomontagem de modo a produzir com as imagens um efeito de realidade e de verdade sobre a autora.

Anotamos aqui o último ponto do jogo

tenso de dentro e de fora do MLP: as exposições promovidas por ele em geral fazem circular outros efeitos de sentido sobre o modo de se apresentar um autor ou obra, quais sejam, montagem cênica bastante elaborada, jogos interativos ao longo dos espaços expositores, leituras oralizadas dos livros, iluminação convidativa e roupagem artística no modo de apresentar os objetos, circulação a ser construída a partir dos vários caminhos que se abrem ao longo do material exposto. De dentro, tal regularidade se mantém constante; nesse caso, o Instituto estrangeiro traz outra maneira de apresentação, quebrando a ordem do repetível em que o literário fazia graça, estruturando um traço mais convencional para a divulgação das fotografias e dados da/sobre a autora. A voz dela diretamente é apresentada abaixo na montagem abaixo (Imagem 3).

É possível interpretar aqui o efeito de uma confissão: não levar-se a sério, o que faz estender e hiperbolizar o riso escancarado no rosto da escritora. É possível indagar: o que significa não se levar a sério? Em que momento da vida isso é possível? Que rompimento se produz na significação esperada sobre



**Imagem 3** – Fotografia de um dos painéis da exposição “Agustina Bessa-Luís, vida e obra” (MLP).

**Fonte:** MUSEU, 2015.

seriedade? Fazer chacota de si seria a salvação? Brincar consigo, rir de si mesmo, produzir-se sem o peso das severidades e, assim, adotar uma posição de ganho na vida: a poeta faz rodopiar tais efeitos. O que está em jogo é da ordem do humor, da troça e também da leveza como se a voz da autora se espalhasse de maneira a marcar com mais força o riso escancarado e os cabelos prateados. Tem-se aqui também um dizer às avessas: a pior forma de viver dá-se pela incapacidade de rir de si mesmo. Levantar-se a sério é inferioridade, diminuir-se diante da vida, o pior: ao dizer assim, Agustina tem sua voz editada pelo Instituto, que destaca os sentidos do riso como aqueles que devem ser mostrados quando se fala da autora.

### O dentro e fora em jogo tenso

O roçar tenso do dentro e fora do MLP coloca em jogo uma fronteira que desejosamente quis dilatar, pelo que ela aponta do funcionamento do discurso, ser efeito pelo que não é possível estar ali. Essas bordas fronteiriças estão sempre em movimento, colocando em relação o que pode e deve ser apresentado em um museu, o que deve ou não fazer parte da trama da língua oficial, os que devem e podem adentrar uma exposição, a quem é dada a confiança de uma curadoria e quem não pode ocupar tal posição, quais instituições podem e devem ser parceiras do museu. Isso capta a atenção de um leitor mais atento, é

preciso atravessar a cortina de evidência dos sentidos tidos como transparentes, e indagar o modo de a história se inscrever na língua e marcar a emergência da

subjetividade. Só assim, é possível entrar em uma exposição literária sem certezas e sair dela rindo de si mesmo, “a melhor maneira de viver”.

## Referências

BALDINI, L. O que nos une é aquilo que nos separa. *Revista Letras - Língua, Museu e patrimônio*, Santa Maria, v. 23, n. 46, jan./jun. 2013, p.189-202.

CERVO, L. M. *Língua, patrimônio nosso*. 2012. 199 fls. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2012.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. Notícias. Disponível em: <[http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/noticias\\_interna.php?id\\_noticia=432](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/noticias_interna.php?id_noticia=432)>. Acesso em: 30 abr. 2015.

ORLANDI, E. *Discurso e texto* – formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Unicamp, 1993.

ROMÃO, L. M. A. S. Escrever pra passarinho: Braga no Museu da Língua Portuguesa. *Revista Datagramazero*, v. 15, n. 1, 2014, p. 1- 14.

ROMÃO, L. M. S.; SCHERER, A. A língua na economia da luz como espaço de reflexão sobre o que somos. *Revista Letras – Língua, Museu e patrimônio*, Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 11-22, jan./jun. 2013.

SILVA SOBRINHO, J. S. “A língua é o que nos une”: língua, sujeito e Estado no Museu da Língua Portuguesa. 2011. 133 fls. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2011.